

1

O vento arrasta os tristes acordes da «Kathleen» entoados pelos sinos da igreja no momento em que eu acordo em pleno bairro de espeluncas, acabrunhado e piegas, a gemer por causa de mais uma carraspana e a gemer acima de tudo porque estraguei o meu «regresso secreto» a São Francisco ao embebedar-me estupidamente enquanto me escondia nas vie-las com vagabundos e depois entrando às claras em North Beach para encontrar toda a gente, isto apesar de Lorenzo Monsanto e eu termos trocado longas cartas nas quais combinámos a melhor maneira de eu chegar sorrateiramente, telefonar-lhe usando um nome de código qualquer como Adam Yulch ou Lalagy Pulvertaft (também escritores) após o que ele conduzir-me-ia em segredo até à sua cabana na floresta de Big Sur onde eu ficaria sozinho e tranquilo durante seis semanas sem nada para fazer senão partir lenha, ir buscar água ao riacho, escrever, dormir, dar passeios a pé, etc. etc. — Mas em vez disso entrei de rompante na sua livraria City Lights, já bem bebido, no auge da azáfama de sábado à noite, toda a gente me reconheceu (ainda que à laia de disfarce eu trouxesse o meu chapéu de pescador, o meu casaco de pescador e umas calças impermeáveis) e no fim de con-

tas dou por mim podre de bêbedo a visitar todos os bares famosos e a anunciar em altos berros que a porra do «Rei dos Beatniks» está de volta à cidade e paga bebidas a toda a malta — Dois dias disto, incluindo domingo, o dia em que é suposto o Lorenzo vir buscar-me ao meu hotel chungoso «secreto» (o Mars, na esquina da 4th com a Howard) mas quando ele bate à porta do meu quarto ninguém responde, ele pede ao recepcionista que venha abrir e depara comigo deitado no chão no meio de um monte de garrafas, o Ben Fagan estendido com metade do corpo debaixo da cama, e o Robert Browning, o pintor *beatnik*, em cima dos lençóis, a ressonar — De modo que ele diz de si para consigo «Venho buscá-lo no próximo fim-de-semana, calculo que ele queira passar uma semana na cidade a enfrascar-se (como é seu hábito, aliás)» e arranca para a sua cabana de Big Sur sem mim pensando que tomou a decisão acertada mas meu Deus quando eu acordo, e o Ben e o Browning desapareceram, não sem antes me terem despejado às três pancadas na cama, e eu ouço o «I'll Take You Home Again Kathleen» tocado nos sinos em notas tão tristes pelos ventos de neblina que sopram sobre os telhados da velha e lúgubre Frisco com a sua enorme ressaca, uau, sei que cheguei ao fim da linha e não consigo arrastar mais o corpo nem sequer para um refúgio na floresta quanto mais aguentar-me de pé nesta cidade um minuto que seja — É a primeira viagem que faço para longe de casa (a casa da minha mãe) desde a publicação de *Road*, o livro que «me tornou famoso», tão famoso que quase dei em doido ao longo destes três anos por causa dos incontáveis telegramas, telefonemas, solicitações, correio, visitas, jornalistas, coscuvilheiros (uma voz grossa à janela da minha cave dizendo: — ESTÁS OCUPADO? — quando eu me preparo para escrever uma história) ou aquela vez em que um jornalista correu pela escada acima até ao meu quarto no momento em que, ainda de pijama, eu tentava passar ao papel um sonho que ti-

vera — Adolescentes saltavam a cerca de dois metros que eu mandara construir em volta do meu quintal para manter a privacidade — Bandos de foliões com garrafas na mão gritavam à janela do meu estúdio: «Sai daí, vem embebedar-te, olha que vais ficar bronco de tanto trabalhares!» — Uma mulher tocou-me à porta e disse assim: «Não vou perguntar-lhe se você é Jack Duluoz porque sei que ele tem barba, não se importa de dizer-me onde posso encontrá-lo, preciso de um verdadeiro *beatnik* para animar a minha farra anual» — — Visitantes bêbados vomitavam no meu estúdio, roubavam-me livros e até lápis — Conhecidos meus apareciam sem serem convidados e ficavam dias e dias lá em casa por causa das camas lavadas e da boa comida que a minha mãe fazia — — Eu andava quase sempre com os copos para manter um ar jovial e conseguir suportar tudo isto mas compreendi finalmente que estava cercado e que eles eram demasiados e por isso tinha que fugir outra vez para a solidão ou morreria — — E foi assim que, mal o Lorenzo Monsanto me escreveu a dizer «Vem para a minha cabana, ninguém saberá onde estás», etc., eu escapuli-me para São Francisco, como já expliquei, percorrendo 5000 quilómetros desde a minha casa em Long Island (Northport) num confortável vagão-dormitório do *California Zephyr*, vendo a América desfilar diante da minha janela panorâmica privativa, realmente feliz pela primeira vez em três anos, fechado na cabina durante três dias e três noites com o meu café instantâneo e as minhas sanduíches — — Subi o vale do Hudson, atravessei o Estado de Nova Iorque em direcção a Chicago e depois vieram as Planícies, as montanhas, o deserto, e por último as montanhas da Califórnia, tudo tão fácil e semelhante a um sonho quando comparado com as penosas viagens à boleia que eu fazia antigamente antes de ter ganho dinheiro suficiente para apanhar comboios transcontinentais (por toda a América há putos do liceu e da universidade a pensarem «Jack Duluoz tem 26 anos

e passa o tempo a andar à boleia pelas estradas» e na verdade aqui estou eu com quase 40 anos, aborrecido e exausto no beliche de um vagão-dormitório que atravessa a todo o vapor o Grande Lago Salgado) — Apesar de tudo, porém, foi uma maravilhosa partida em direcção ao meu refúgio tão generosamente oferecido pelo velho compincha Monsanto, e no fim de contas em vez de fazer as coisas com todo o jeitinho acordado bêbedo, agoniado, enojado, assustado, na verdade aterroizado por aquela canção triste que se mistura por sobre os telhados com os gritos lacrimajantes de um ajuntamento do Exército de Salvação à esquina da rua «*Satã é a causa do teu alcoolismo, Satã é a causa da tua imoralidade, Satã está em toda a parte* tentando destruir-te a não ser que te arrependas *já*» e ainda pior que isso o ruído de velhos bêbedos a vomitarem nos quartos contíguos ao meu, o ranger dos degraus da entrada, os gemidos por toda a parte — Incluindo o gemido que me acordara, o meu próprio gemido na cama de lençóis enrodilhados, um gemido causado por um atroador Uuuu Uuuu na minha cabeça que me fizera erguê-la da almofada de súbito como um fantasma.

2

E eu lanço um olhar pelo quarto acanhado e lúgubre, e lá está a minha mochila, a mochila da esperança, tão bem arrumada, contendo tudo o que é necessário para viver na floresta, até mesmo o minúsculo estojo de primeiros socorros e alguns víveres e ainda um estojinho de costura muito prático engenhosamente reforçado pela minha boa mãe (com alfinetes-de-ama extra, botões, agulhas especiais e uma pequena tesoura de alumínio) — Até mesmo a medalha da esperança, a medalha de São Cristóvão que ela coseu na badana — Um estojo de sobrevivência completo até à última camisolinha de lã e lencinho de assoar e sapatos de ténis (para caminhadas a pé) — Mas a mochila está esperançosamente pousada no meio de uma amálgama caótica de garrafas todas vazias, incluindo garrafinhas de Porto branco, beatas, lixo, um horror... «Ou reajo depressa ou estou bem tratado», dou-me conta, pois eis-me a mergulhar de novo no desespero ébrio dos últimos três anos que é um desespero físico e espiritual e metafísico acerca do qual nada se aprende na escola por mais livros sobre existencialismo ou pessimismo que leiamos, ou jarros de *ayahuasca* alucinogénio bebamos, ou mescalina tomemos, ou peiote emborquemos —